

NIZAMI



LAILA & MAJNUN



A CLÁSSICA HISTÓRIA DE AMOR
DA LITERATURA PERSA

Adaptação em prosa:
Colin Turner

JORGE ZAHAR EDITOR
Rio de Janeiro

Para Mahshid, com amor

Tradução:

Marissom Ricardo Roso

Revista por:

Angela Ramalho Vianna

Título original:

Layla and Majnun

Adaptação em prosa

por Colin Turner

Tradução autorizada da primeira edição inglesa
publicada em 1997 por Blake Publishing,
de Londres, Inglaterra

Copyright © 1997 do texto adaptado, Blake Publishing Ltd
Letra e música de “Layla” por Eric Clapton e Jim Gordon.
E.C. Music Ltd. Direitos cedidos para o Brasil para Warner Chappell
Edições Musicais Ltda. Todos os direitos reservados.

Copyright © 2003 da edição em língua portuguesa:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

N658L Nizami, 1140-c.1203
Laila & Majnun: a clássica história de amor
da literatura persa / Nizami; adaptação em prosa
por Colin Turner; [tradução da ed. inglesa, Ma-
rissom Ricardo Roso]. — Rio de Janeiro: Jorge
Zahar Ed., 2002

Tradução de: Layla & Majnun
ISBN 85-7110-688-6

1. Poesia persa. 2. Poesia de amor. I. Turner,
Colin. II. Roso, Marissom Ricardo. III. Título.

02-1841

CDD 891.51
CDU 891.151

*Só o homem pode conhecer a dor de ter
algo de que não precisa ao mesmo tempo em
que precisa de algo que não possui...*



I ntrodução



Já se escreveu muito mais sobre o amor do que sobre qualquer outra área da experiência humana. Desde que começamos a submeter nossas idéias e nossos sentimentos ao papel, os escritores do mundo todo aprimoraram seus poemas sobre as alegrias do amor e sobre os sofrimentos do amor não correspondido.

Sem dúvida alguma *Laila & Majnun* é a história mais popular do mundo islâmico. Por cerca de mil anos, novas versões deste conto trágico surgiram em prosa, verso ou canção em quase todos os idiomas do Oriente Islâmico, mas ainda é o poema épico de Nizami que serve de base para todos os outros.

O soberano persa Shirvanshah foi quem incumbiu o poeta também persa Nizami de escrever *Laila & Majnun*, em 1188 d.C. No prefácio original do poema, Nizami explicava que um mensageiro de Shirvanshah chegou e entregou-lhe uma carta de próprio punho do rei. Exaltando Nizami como “o mágico universal da eloqüência”, Shirvanshah pedia ao poeta que escrevesse uma épica romântica baseada num simples conto folclórico árabe: a antiga história de Majnun, o “poeta enlouquecido por amor”, e Laila, a célebre beleza do deserto.

Desde a decadência do islamismo, cerca de 500 anos antes, a lenda de Laila e Majnun tornara-se tema popular das canções, sonetos e odes de amor dos beduínos na Arábia. Majnun estava associado a um homem que

existira de fato, Qays Ibn al-Mulawwah, que provavelmente vivera na segunda metade do século VII d.C., no deserto de Najd, na Península Árabe. Na época de Nizami havia muitas variações sobre o tema de Majnun circulando pela região, e sem dúvida alguma Shirvanshah seduziu Nizami com a idéia de criar alguma coisa “especial”.

De início Nizami relutou em aceitar a tarefa, porque achava a história que lhe ofereciam “desprovida de jardins, pompas reais, festividades; sem qualquer riacho, vinho ou felicidade”, todos esses elementos fundamentais da poesia persa clássica. Mas por fim, por insistência de seu filho, acabou cedendo. Menos de quatro meses depois, estava pronto o *Laila & Majnun* de Nizami, que compreende originalmente cerca de 8 mil versos.

É praticamente certo que Nizami teria aproveitado todo o material — escrito e oral — de que dispunha. Ele preservou a atmosfera beduína do conto original, mas, ao mesmo tempo, situou a história no mundo persa, muito mais civilizado à época, embelezando o conto com as ricas cores e imagens de seu próprio idioma nativo e da tradição literária a que ele pertencia.

Nizami realmente criou algo especial para seu patrão, Shirvanshah. Essa notável originalidade está no retrato psicologicamente majestoso que ele faz da complexidade das emoções humanas quando confrontadas com o “amor que não conhece leis”. A leveza de um coração que se apaixona; a excitação do afeto mútuo; as aflições da separação; as dores da dúvida e do ciúme; a amargura do amor traído; o pesar que vem com a perda — Nizami retrata todo o mundo misterioso do amor, sem deixar de explorar qualquer de suas regiões. A linguagem do autor pode ser a da Pérsia do século XII, mas o tema é daqueles que transcendem todas as barreiras de tempo e espaço.

DR. COLIN PAUL TURNER
Universidade de Durham



1



*E*ra uma vez, na antiga Arábia, um homem — um grande senhor, um *sayyid*, que governava uma tribo conhecida como Banu Amir. Nenhum outro domínio alcançou mais prosperidade e sucesso que o dele, e sua coragem como líder de homens era conhecida em toda a região. Para os pobres, ele era generoso — as portas de seu vasto tesouro estavam sempre abertas, e as cordas de sua bolsa estavam sempre desatadas. Era lendária sua hospitalidade para com os estrangeiros. Embora fosse amado por seu povo e desfrutasse do tipo de respeito dedicado somente a sultões e califas, ele percebia sua situação de um modo diferente: via-se como uma vela que se consome lentamente sem irradiar luz suficiente para os outros. Uma tristeza enorme e permanente corroía seu coração, obscurecendo seus dias — o *sayyid* não tinha filhos.

Que importância há em riqueza e poder quando um homem não tem filhos? De que adiantam glória e prestígio se não há alguém para continuar o nome da família? E que propósito existe numa vida que não conhece a felicidade proporcionada pelos filhos? O velho ponderava sobre essas questões. E quanto mais pensava, maior se tornava sua dor. As orações não produziam resultado, as esmolas que dava eram vãs. Ele esperava por uma lua cheia que não nasceria, por uma rosa que não iria florescer. Mesmo assim, nunca deixou de ter esperança.

Esse desejo ardente tomou conta de sua alma de tal forma que ele se esqueceu de todo o resto. Por causa dessa coisa tão desejada pelo seu coração, e que ele não possuía, ignorava os muitos dons que Deus lhe havia concedido — saúde, riqueza, propriedades. Afinal, não é assim que funciona a cabeça de um homem? Quando as metas não são alcançadas e nossas orações não são respondidas, algumas vezes paramos para pensar se o aparente silêncio de Deus não seria para o nosso próprio bem. Nós nos convencemos de que conhecemos nossas próprias necessidades, é verdade. Mas essas são necessidades ambicionadas — e não realmente necessárias —, que às vezes causam nossa ruína. É claro que, se pudéssemos adivinhar o que o futuro nos reserva, essa confusão nunca iria existir. Mas o futuro está vedado aos nossos olhos; as linhas do destino de cada homem estendem-se muito além dos limites do mundo visível. Para onde elas nos conduzem, nós não podemos ver. Quem pode dizer se a chave que hoje abre portas não será aquela que as fechará amanhã, ou viceversa?

E assim, o *sayyid* rezou, jejuou e até deu esmolas, e justamente quando estava a ponto de admitir a derrota Deus atendeu ao seu desejo. Concedeu-lhe um menino, uma criança linda como um botão de rosa recém-aberto, bonita como um diamante cujo brilho era capaz de transformar a noite em dia. Para celebrar o nascimento do menino, o *sayyid* destrancou as portas do tesouro e distribuiu ouro como se fosse areia. Todos vieram compartilhar sua alegria, e o evento maravilhoso foi celebrado com muitos festejos por toda a região.

A criança foi entregue aos cuidados das mãos carinhosas de uma ama-de-leite, que a amamentou e a viu crescer forte e saudável. E assim foi. Quatorze dias depois de seu nascimento, o menino já se assemelhava à lua cheia em todo seu esplendor, espalhando luz sobre a terra e enriquecendo a visão de todos os que sobre ele punham os olhos. No décimo quinto dia, seus pais deram-lhe o nome de Kais, do árabe *qais*, que significa “lua”. E tudo foi feito em segredo, escondido dos outros, para evitar o Mau-olhado.

Um ano se passou, e a beleza do menino floresceu sem máculas. Após um ano, era uma criança feliz e brincalhona — uma flor cuidadosamente



zelada no feliz desabrochar da infância. Ao final do sétimo ano, os primeiros sinais de aproximação da maioridade começaram a brilhar com uma aura violeta em suas faces avermelhadas como tulipas. Até mesmo aqueles que só conseguiam vê-lo de longe invocaram as bênçãos de Deus sobre o menino, e até que sua primeira década de vida houvesse terminado, as pessoas narravam histórias sobre sua beleza como se estivessem contando de novo as histórias de fadas.

